

## A memória e o direito de fala para além das fronteiras: produções visuais de crianças migrantes no Brasil e nos Estados Unidos

### Memory and the right to speak across borders: Visual productions of migrant children in Brazil and the United States

Camila da Silva Lucena<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco  
[camila.lucena@live.com](mailto:camila.lucena@live.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-0286-7225>

Mariana Lima Becker<sup>2</sup>  
Universidade da Georgia  
[mariana.becker@uga.edu](mailto:mariana.becker@uga.edu)  
<https://orcid.org/0000-0003-4911-5506>

**Resumo:** Este trabalho busca analisar as práticas discursivas de crianças migrantes em contextos de migração transnacional, focando em dois grupos: crianças venezuelanas no Brasil (4-10 anos) e crianças brasileiras nos Estados Unidos (8-9 anos). Compreender as perspectivas dessas crianças é crucial para romper com a invisibilidade a que são submetidas, reafirmando sua subjetividade. É essencial reconhecer a heterogeneidade das experiências migratórias das crianças, indo além da visão de inocência e vitimização, reconhecendo sua agência e papel nos processos de migração. Este estudo coloca a subjetividade migrante no centro, tratando crianças como sujeitos de direitos. Utilizando as noções de *discurso sobre* e *discurso de*, valoriza-se a escuta das crianças migrantes no Brasil e nos EUA, analisando a memória e o direito de fala através de desenhos e fotografias coletadas em dois projetos de pesquisa. A análise dessas produções visuais emprega a Análise do Discurso de linha materialista a partir de estudos teóricos que consideram a imagem como objeto analítico. As fotografias e desenhos analisados revelam práticas discursivas de resistência, utilizando símbolos nacionais e afetivos para se afirmarem como sujeitos transnacionais, destacando a importância da interpretação visual das produções infantis não-verbais.

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Teoria e Prática de Educação da Universidade da Georgia, EUA.

**Palavras-chave:** Testemunho; Crianças migrantes; Desenhos/Fotografias.

**Abstract:** This article examines the discursive practices of migrant children in contexts of transnational mobility, focusing on two groups: Venezuelan children in Brazil (ages 4-10) and Brazilian children in the United States (ages 8-9). Understanding the perspectives of these children is crucial to disrupt the invisibility to which they are subjected, reaffirming their subjectivity. It is crucial to recognize the heterogeneity of children's migration experiences, transcending discourses of innocence and victimization, while acknowledging their agency and role in migratory processes. This study centers migrants' subjectivity, positioning children as subjects in their own right. Using the notions of *discourse about* and *discourse of*, we listened to migrant children in Brazil and the U.S., merging two different research projects, to examine their claims of memories and the right to speak in drawings and photographs. This analysis of visual productions employs materialist Discourse Analysis based on theoretical studies that leverage images as units of analysis. This analysis of drawings and photographs reveals discursive practices of resistance, using national and affective symbols to assert themselves as subjects with transnational lives, highlighting the importance of visual interpretation of children's non-verbal productions.

**Keywords:** Testimony; Migrant children; Drawings/Photographs

### Introdução<sup>3</sup>

O objetivo deste trabalho é analisar as práticas discursivas de crianças migrantes em contextos de migração. Para tanto, partimos de dois espaços migratórios: o Brasil e a vivência de crianças migrantes venezuelanas e os Estados Unidos e a vivência de crianças migrantes brasileiras. Compreender as perspectivas das crianças sobre os processos migratórios em que estão envolvidas implica romper com a invisibilidade a que foram submetidas e representa uma reafirmação de sua subjetividade e de sua forma de viver no presente (Glockner e Álvarez, 2021). Compreender a experiência da infância implica também compreender sua natureza relacional e as relações de poder que se estabelecem nessa relação tanto com o mundo dos adultos quanto com o das instituições em geral.

Para além das imagens que enfatizam a inocência e a vitimização das crianças migrantes, é necessário reconhecer a heterogeneidade das experiências dessas crianças e examinar não apenas sua vulnerabilidade especial, mas também sua agência e seu papel nos processos de migração (Dreby, 2007; Orellana et al., 2001). Isto significa ir além de uma visão centrada no adulto para adotar uma

---

<sup>3</sup> Este trabalho é resultado do diálogo entre dois projetos de pesquisa, um desenvolvido no Brasil, NARRATIVAS DO ACOLHIMENTO: ressonâncias político-discursivas da/na integração escolar do migrante/refugiado venezuelano no município de Igarassu/PE, da pesquisadora Camila Lucena; e o segundo nos Estados Unidos, Making space to "be ourselves": Brazilian Immigrant children as two-way immersion program implementers and transborder thinkers, da pesquisadora Mariana Becker.

concepção que coloca a subjetividade migrante no centro e reconhece que as crianças não são apenas futuros(as) adultos(as), mas pessoas com sua própria vontade, experiências e subjetividades, como sujeitos de direitos que concedem significados de um universo cognitivo diferente do dos adultos.

Trabalhamos com as noções de *discurso sobre* e *discurso de* (Orlandi, 2013; Mariani, 1996; Petri, 2009), a partir das quais entendemos a importância de focar o *discurso do* migrante, valorizando o lugar de escuta para com esses sujeitos. Para Payer (2016), a temática da imigração e refúgio traz a figura do migrante e refugiado(a) e as contradições do discurso construídas sobre eles(as) e as práticas discursivas do próprio sujeito. Ao falar sobre o(a) migrante, lugares discursivos são pré-estabelecidos, contudo há discursos que extrapolam esses lugares, criam contradições, falhas que ecoam nessa relação entre o(a) nacional e o(a) migrante. Aspectos como esses serão analisados a partir de desenhos e fotografias de crianças venezuelanas no Brasil e brasileiras nos Estados Unidos.

Como aporte teórico, consideramos a Análise do Discurso (AD) de linha materialista com estudos que vêm desenvolvendo avanços teóricos e metodológicos para o trabalho com a imagem como objeto analítico a partir de Lagazzi (2011; 2021) e Souza (1998). A imagem mostra-se um desafio à primeira vista talvez pela falta da linguagem verbal ou pela necessidade de um gesto de interpretação mais visual, recuperando significados nos detalhes, nos silêncios da imagem, nos implícitos, pois é possível recuperar tudo isso também com o texto não-verbal. Logo, visamos procurar funcionamentos discursivos nas imagens e analisá-los a partir de paráfrases visuais. Como resultado, os desenhos e fotografias enquanto seqüências discursivas do testemunho das crianças migrantes mostram práticas discursivas de resistência, usando símbolos nacionais e afetivos para se afirmarem como sujeitos transnacionais.

## **O discurso do(a) migrante**

As duas primeiras décadas do século XXI foram marcadas por grandes crises migratórias. Acompanhando essa tendência, as Américas têm experimentado um crescimento considerável em migração nos últimos anos. Esse aumento ocorreu como parte da intensificação dos processos de globalização e o aprofundamento da desigualdade social. Este fenômeno também é explicado pelo agravamento das crises econômicas e políticas que a região tem experimentado em diferentes territórios.

Logo, a presença de crianças se tornou uma constante na migração contemporânea. Segundo o Relatório de Educação do ACNUR 2021, de 2018 a 2020, quase um milhão de crianças nasceram como refugiadas. No Brasil, a migração venezuelana tornou esta geografia migratória de crianças mais complexa, a partir de 2018, com a crise migratória na fronteira do país. Nos Estados Unidos, é estimado que, até 2050, mais de um terço das crianças e jovens com menos de 17 anos serão imigrantes ou filhos/as de imigrante(s) (*Pew Research Center*, 2008). A imigração brasileira nos Estados Unidos triplicou desde 2018, com mais famílias brasileiras sendo detidas na fronteira com o México do que em anos anteriores (Lellis, 2021).

Nesses diversos contextos, os(as) migrantes entram no país e chegam na escola sendo subjetivado pelo outro. Esse outro, o nacional do país de chegada, na figura do Estado, da mídia e da escola falam sobre o(a) migrante atravessado(a) por já-ditos sobre o(a) “venezuelano(a)” (no Brasil) ou o “latino” (nos EUA), sobre a Venezuela ou o Brasil, sobre os imaginários políticos que esses países

carregam, os(as) ressignificando em formações discursivas dicotômicas, mas que se cruzam no ato de falar e produzir sentidos sobre o outro.

O *discurso sobre* este sujeito, é entendido como “[...] uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos” (Orlandi, 2013 p. 44). Segundo Orlandi, esse discurso é polifônico e “[...] é no discurso sobre que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o *discurso sobre* é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (do discurso de)” (Orlandi, 2013, p. 44). Ao também considerar essa noção em 1996, Mariani afirma que o *discurso sobre* atua na institucionalização dos sentidos, “[...] no efeito de linearidade e homogeneidade da memória” (Mariani, 1996, p. 64).

Ao recuperar efeitos de sentidos contraditórios, os *discursos sobre* revelam falhas que permitem a réplica acontecer. Ou seja, abrem espaços para outros discursos e outras memórias para o confronto. O *discurso de*, neste caso, funciona como uma denegação, uma reapropriação de si mesmo e da memória, ainda que o *discurso sobre* queira silenciá-lo e/ou reduzi-lo, já que “[...] o discurso sobre organiza, disciplina a memória e a reduz” (Orlandi, 2013, p. 44).

Ao destacar o mesmo e o diferente, entendemos a tensão da produção discursiva do *discurso sobre* o(a) migrante e o *discurso do(a)* migrante. Diante disso, Orlandi (2013) nos apresenta a distinção entre criatividade e produtividade. Para a autora, a “criação” é relativa e o que podemos observar é a produtividade dos discursos, que retomam aquilo que já foi dito, discursos já cristalizados que ressoaram em outras condições de produção e “produz a variedade do mesmo” (Orlandi, 2013, p. 37). A criatividade implicaria a ruptura com o cristalizado, surgindo, desse modo, o diferente.

Entendemos, assim, que o *discurso sobre* atua na perspectiva da criatividade do mesmo, enquanto o *discurso de* tenta trazer a polissemia para essas relações discursivas. Sendo assim, o *discurso de* tenta furar a bolha dos *discursos sobre*, da variedade do mesmo, para, nessas condições de produção, fazer ecoar sentidos outros sobre o ser venezuelano(a) ou brasileiro(a).

## Memória discursiva e testemunho

Consideramos que uma das formas do *discurso de* se realizar é através de relatos testemunhais, nos quais os sujeitos falam de si e dos acontecimentos vivenciados, recuperando seu lugar de fala, tentando colocar em palavras, desenhos ou fotografias, nos casos das crianças, o que parece ser impossível. Para Mariani (2021), em “Testemunhos de resistência e revolta”, o testemunho é tomado como “[...] um acontecimento singular na linguagem, uma enunciação ética que tenta transmitir aquilo para o que não há palavras, daí sua potência e valor performativo de produção de efeitos sobre quem enuncia e sobre quem escuta” (Mariani, 2021, p. 42). São relatos que geralmente descrevem violências, traumas e revelam a historicidade da produção de sentidos. São tentativas de dizer tudo, apesar do indizível do acontecimento.

Ao se criar um espaço de escuta para os(as) alunos(as) migrantes, entendemos que, como resultado, temos esse discurso que funciona como testemunho de sua vivência e testemunho de sua identidade. Esse testemunho é da ordem do rememorar, porém, como aponta Mariani (2021), não significa apoiar-se em memória-arquivo, mas em uma memória discursiva, entre lembrança e repetição, uma memória com “furos do esquecimento”. Para a autora, é a “[...] memória furada, pois somos desde

sempre constituídos por um esquecimento fundamental, o recalcado. O recalque não é franqueável aos significantes, é impossível de ser apreendido, mas é tangível em seu enigma” (Mariani, 2021, p. 42).

Como resultado dessa memória discursiva está o memorável, o que é possível dizer, ou as tentativas de dizer e de se fazer compreender. Segundo Mariani (2021, p. 42), o memorável é o “[...] encontro do real da história, do real da língua e do real do inconsciente”. O memorável seria assim “[...] como a presença de uma singularidade no lembrar”. Singularidade que surge no testemunho, na enunciação, no pensar sobre um acontecimento. O memorável é o que ressoa da memória com mais força, vem da urgência de negar um fato, de fazer uma oposição ao que o outro diz.

Dar um testemunho aponta para o memorável, um falar urgente para não esquecer e para não deixar os outros esquecerem, mas um falar sempre marcado pelo esquecimento na memória e pela incompletude inerente à linguagem. O imperativo da urgência do relato testemunhal é compreendido como a necessidade de inscrever discursivamente um memorável na história, dada a violência de um acontecimento que provocou a iminência de uma disjunção ou desarticulação ou descontinuidade no sócio-político (Mariani, 2021, p. 43).

Essa violência vivida é continuada quando ao sujeito não lhe é permitido falar, quando as vozes são silenciadas e subjugadas. No testemunho, uma outra narrativa torna-se possível, em dadas condições de produção, provocando a ruptura de sentidos. Logo, a reapropriação discursiva do sujeito que faz um testemunho é um instrumento de resistência de continuidade de sua identidade e memória.

Courtine (2009), ao teorizar a memória discursiva, demarca a diferença da memória cognitiva. Para o autor, “[...] a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas pelos aparelhos ideológicos” (Courtine, 2009, p. 105-106). Nem sempre podemos recuperar a memória discursiva textualmente, porém os seus rastros podem ser identificados linguisticamente a partir de certas estruturas ou modos de dizer na língua.

Desse modo, Courtine (2009) elabora uma forma de análise buscando recuperar as formas de aparecimento da memória discursiva a nível de enunciado, considerando as supressões de citações e a recitação entre os discursos, que nos indicam que a memória é atualizada ou reproduzida nos discursos, como também pode sofrer um apagamento. Com Pêcheux (1990, p. 52), entendemos que “a memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento ao ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

Então, mais do que analisar o que se retoma em um discurso de forma dada, é interessante e prudente analisar o que está sendo “esquecido”, porque, apesar de não-dito, deixa um espaço da falta que significa, tanto ou mais com relação àquilo que foi dito.

Partindo da teorização de Payer (2009), a autora considera a própria língua como “lugar de memória”, uma vez que, analisando o funcionamento da língua portuguesa pelos(as) descendentes de migrantes italianos(as), por exemplo, consegue demarcar traços das línguas nacionais ou maternas de seus antepassados, que indicam esse laço com essa memória aparentemente apagada. Diante do que Payer (2009) afirma, o estudo da oralidade se mostra como uma das formas de observar a língua como “lugar de memória”. Partindo daí, trabalhamos com os testemunhos, bem como os desenhos, fotogra-

fias e textos das crianças sobre lugares de acolhida como lugar de memória, uma vez que entendemos que, nessas produções, encontram-se regularidades significativas que dizem muito sobre si, em um movimento de reapropriação discursiva. A seguir, observamos esses movimentos através das produções de crianças migrantes em textos, desenhos e fotografias.

## Procedimentos metodológicos

Para dar conta dos objetivos traçados, para a realização da pesquisa no Brasil com as crianças venezuelanas, tomamos como procedimento metodológico uma análise de cunho qualitativa, utilizando como instrumento para a coleta de dados a observação etnográfica registrada em diário de campo. Como prática, a primeira autora realizou um dia de oficina de desenhos com 20 crianças venezuelanas de até 10 anos. A oficina tinha como objetivo construir um espaço de escuta afetiva para as crianças, a fim de que eles(as) pudessem falar sobre a migração, o processo de chegada e acolhimento a partir de seus pontos de vista, com suas próprias palavras, desenhos e imagens.

Após a apresentação dos nomes e idades, foi iniciada a leitura do livro *A viagem*, de Francesca Sanna. Este livro traz a história de uma família, mãe e dois filhos, que veem seu país e sua vida transformada pela guerra, os obrigando a sair do país. Esta viagem de fuga acontece de maneiras diversas: com carro, trem, a pé, de bicicleta até a chegada na fronteira, que não representa o fim, mas mais um momento de dificuldade, marcado por incerteza e rejeição. No fim, o livro traz a metáfora dos pássaros, que também percorriam longas distâncias, migrantes como aquela família, mas que não tinham a barreira das fronteiras que representa tanta dificuldade para o recomeço dessa família. O grande destaque do livro são as ilustrações que mostram lugares lindos e bem coloridos.

A partir daí, cada um(a) foi convidado(a) a desenhar, escrever ou recortar e colar algo que representasse sua viagem. Seja algo do local de origem, do local de chegada, uma palavra que representasse esse sentimento de mudança e onde encontravam acolhimento. Durante a produção, a pesquisadora esteve ao redor deles(as) para auxiliar, conversar e entender o que significava cada produção. Para o trabalho em questão selecionamos 8 desses desenhos que se mostraram significativos e que proporcionam o debate com as produções das crianças nos Estados Unidos que demonstraremos a seguir. Esses procedimentos aconteceram após a aprovação do Comitê de Ética e a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), documento obrigatório, exigido pelo Comitê, o qual determina que sejam informados os pontos principais da pesquisa, que preservam a confidencialidade e como prova legal de consentimento de participação com o seguinte registro CAAE: 29113620.0.0000.5208.

O trabalho com as crianças brasileiras nos Estados Unidos, realizado pela segunda autora deste artigo, fez parte de uma pesquisa etnográfica que envolveu crianças (5-9 anos), familiares e professores em uma cidade norte-americana que historicamente tem recebido imigrantes brasileiros. Na primeira fase do projeto (2018-2021), o objetivo foi compreender como a implementação de um programa bilíngue (português/inglês) na cidade impactou as experiências escolares de um grupo de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No quarto ano do projeto, ou segunda fase (2021-2022), a pesquisadoras trabalhou com cinco crianças focais imigrantes brasileiras (agora com 8-9 anos) e suas famílias para compreender as pedagogias

transfronteiriças e práticas de linguagem em suas casas (Gallo, 2021). Esse projeto etnográfico gerou anotações semanais em diário de campo realizadas por duas pesquisadoras fluentes em português e inglês (~500 horas de observação em salas de aula), entrevistas com 18 funcionários da escola, visitas às residências de 5 alunas (35 visitas), observações de eventos escolares e sessões de formação de professores (30 horas) e vários artefatos produzidos pelas crianças na escola e durante visitas domiciliares.

Para os fins deste artigo, utilizamos apenas os artefatos produzidos por cinco crianças durante visitas às suas residências. Especificamente, utilizamos cinco desenhos produzidos na primeira visita, quando a pesquisadora responsável pediu para que desenhassem o Brasil, e mais cinco desenhos criados em uma visita posterior em que as crianças desenharam o que imaginam para o seu futuro. Não foi especificado um limite de tempo para essas atividades. Todas as crianças foram providas com um kit de artes contendo os mesmos materiais (papéis, cartolinas coloridas, caixa de lápis de cor, glitter, tesoura, tintas, pincéis, etc.). Após o término das atividades de desenho, a pesquisadora fez perguntas às crianças sobre os itens representados, gerando conversas (gravadas em áudio) sobre suas memórias, sentimentos, experiências atuais e expectativas para o futuro. Ademais, também foram utilizadas várias fotografias produzidas por três crianças, Beatriz, Luluca e Valentina (pseudônimos), após a segunda visita às suas casas, quando cada uma recebeu uma câmera digital com um cartão de memória. Não foram dadas direções específicas sobre o que as crianças deveriam fotografar. Assim, elas tiveram a liberdade de fotografar qualquer coisa que fizesse parte do seu dia a dia. A partir da terceira visita às residências, cada criança começava mostrando as fotografias que tirou nos dias/semanas anteriores, gerando conversas sobre suas escolhas. Foram realizadas cinco rodadas de fotografia com cada criança e, em cada rodada, elas produziram de 10 a 40 fotos. As conversas sobre as fotografias foram gravadas em áudio e transcritas. Esse trabalho teve autorização do Comitê de Ética da *Boston College*, no estado de Massachusetts, nos EUA (IRB Protocol Number: 20.097.01).

## Os desenhos infantis enquanto práticas discursivas

Na Análise do Discurso, encontramos alguns trabalhos que vêm desenvolvendo avanços teóricos e metodológicos para o uso da imagem como objeto analítico. Com Lagazzi (2011), entendemos que a imagem pode se manifestar através de vídeos, fotografias, pinturas e acrescentamos os desenhos infantis a esse grupo de materialidades. Assim como a imagem do audiovisual, que parte de um objetivo específico, os desenhos das crianças venezuelanas partiram de um objetivo: expressar sentimentos sobre o deslocamento Venezuela-Brasil-Igarassu, após a leitura do livro infantil *A viagem*. As produções visuais das crianças brasileiras nos Estados Unidos (fotografias e desenhos) partiram do objetivo de entender as suas experiências cotidianas como imigrantes, bem como examinar a representação do Brasil durante visitas em suas casas. Logo, nos dois contextos de pesquisa, o objetivo foi procurar funcionamentos discursivos nas imagens e analisá-los a partir de paráfrases visuais.

O estudo das paráfrases discursivas encontra base nas teorizações de Pêcheux e León (1982, p. 26) sobre o enunciado “on a gagné” sobre o qual o autor descreve “paráfrases plausíveis”, a partir das quais é possível entender que a esquerda ganhava espaço na cena política da França, uma vez que o

“Ganhamos” estabelecia vínculos discursivos com esse grupo político nas condições de produção específicas para aquele momento. As “paráfrases plausíveis” para o “ganhamos” resultam em uma cadeia de famílias parafrásticas possíveis, porém não sem contradições e distintas posições recuperadas pelos trajetos de memórias que surgem no processo de descrição das materialidades.

Para trabalhar com a imagem, Lagazzi (2021) também recupera de Orlandi (2013) a noção de materialidade significativa, pois, para a autora, é necessário ir atrás da linearização da imagem para além de sua relação entre verbal e não-verbal, desfazer essa dicotomia. A materialidade significativa resulta do trabalho simbólico com o significativo e a história, ampliando a noção de discurso como relação entre língua e história (Orlandi, 2013), para falar do discurso como relação entre a materialidade significativa e a história “[...] para poder conceber o trabalho com as diferentes materialidades e reiterar a importância de tomarmos os sentidos como o efeito do trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história” (Lagazzi, 2021, p. 401).

Para Lagazzi (2020), a imagem tem uma “potência de captura simbólica” que valoriza o confronto de sentidos em possibilidades que capturam o sujeito em sua relação com a história, a memória e o imaginário. É preciso olhar para o objeto analítico buscando suas contradições, seus deslizamentos e seus deslocamentos, e a imagem permite tudo isso, assim como um desenho ou fotografia de criança com suas representações também produzem esses movimentos.

A equivocidade da linguagem analisada por Pêcheux em “quem ganhou o quê?” é levada para linguagem não-verbal por Lagazzi (2021) ao acrescentar, nesta fala de Pêcheux (1990, p. 53), o termo imagem substituindo língua e enunciado: “[...] toda descrição está intrinsicamente exposta ao equívoco da [imagem]: [toda imagem] é intrinsicamente suscetível de torna-se outra diferente de si mesma, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]”. (Lagazzi, 2021, p. 5893)

Desse modo, o trabalho analítico da imagem vai passar por uma descrição das paráfrases visuais, a fim de localizar o equívoco, o não dito, os silêncios, o que ressoa. Afinal, “[...] importam as palavras usadas assim como a sintaxe do texto, no caso da materialidade verbal. Importam as imagens em seus vários elementos constitutivos, tais como as cores, a relação luz e sombra, a perspectiva, os traços no caso da materialidade visual” (Lagazzi, 2011, p. 499)

Logo, esses elementos vão produzir sentidos em dada condição de produção. Assim, os mesmos meios analíticos mobilizados para a análise do texto verbal podem e devem ser mobilizados para a análise das imagens. “Pensar os sentidos como efeitos produzidos sobre a cadeia significativa em condições de produção é dar consequência ao primado do significativo, e não apenas do significativo verbal” (Lagazzi, 2011, p. 504).

Para Souza (1998), Orlandi (1992), ao elaborar a teoria do silêncio, já destaca a importância do não-verbal para os estudos discursivos, já que, ao analisar o verbal através do não-verbal entende-se que o efeito ideológico de assimilação discursiva vai além dos objetos determinados, em sua maioria verbal. “Os estudos sobre as formas do silêncio vêm a um só tempo contribuir tanto à compreensão da materialidade do não-verbal, quanto à ampliação do objeto da Análise do Discurso, ao apontar caminhos para se descrever e entender o não-verbal” (Souza, 1998, p. 2).

Na imagem, é possível termos implícitos e silêncios. Importante destacar que não é apenas transpor da imagem para o verbal. Para analisar, é necessário observar como a imagem se constitui em discurso. “Há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação” (Souza, 1998, p. 5).

Souza (1998), partindo do conceito de polifonia de Ducrot (1987), que pressupõe que todo texto traz em sua constituição uma pluralidade de vozes, propõe o conceito de *policromia* para destacar que a análise verbal, tal como a imagem, possui marcas da heterogeneidade como os implícitos, silêncios ironias, que não podem ser analisadas como vozes, porque não podemos simplesmente utilizar as categorias do verbal para analisar o não verbal.

Logo, o gesto de interpretação da imagem acontece pelo olhar, não pela palavra. Outras imagens podem ser formadas a partir desse gesto por parte do analista, como as paráfrases visuais, já que também identificamos a incompletude como uma característica presente no verbal e no não-verbal. O gesto de interpretação acontece “[...] por esse efeito de sentidos que se institui entre o olhar, a imagem e a possibilidade do recorte, a partir das formações sociais em que se inscreve tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador” (Souza, 1998, p. 8).

Ao trabalhar com esse tipo de materialidade significativa, Lagazzi (2021) retoma e estrutura dois conceitos que entende como fundamentais para analisar o que do inconsciente discursivo possui as imagens. A autora parte da afirmação de Althusser (1985, p. 67) de que “[...] o discurso do inconsciente é condição absoluta de qualquer discurso”. É através de discurso que tentaremos produzir gestos de interpretação por meio das paráfrases visuais dos desenhos e fotografias.

Esse inconsciente, que se concretiza em linguagem, é da ordem do imaginário e do simbólico que se concretiza no significante. O imaginário, o simbólico e o inconsciente se estruturam em linguagem, em marcas significantes de sentidos e não sentidos (Althusser, 1985). Tal inconsciente é possível de ser relativamente acessado pelos significantes da superfície textual, como vestígios do processo discursivo marcado pelas paráfrases discursivas e pelo efeito metafórico, defendido por Orlandi (2013), que aponta que, “[...] ao longo de todo o procedimento analítico, ao lado do mecanismo parafrástico, cabe ao analista observar o que chamamos efeitos metafóricos”. Ao pensar nas substituições discursivas no interior de uma superfície textual, Pêcheux (1990) entende que todo discurso pode ser substituído, sendo as possibilidades de substituição o que interessa analisar. O autor chama essas possibilidades de *sinonímia local* ou *contextual*, a qual entendemos como *efeito metafórico*, já que “[...] é a repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas que caracteriza [...] o mecanismo de um processo de produção (Pêcheux, 1990, p. 97). A partir disso, Lagazzi (2015, p. 181) entende o exercício parafrástico “[...] como modo de atualização do efeito metafórico” e que “[...] a substituição, deslizamento e deriva são termos importantes para compreendermos tanto o procedimento parafrástico quanto o efeito metafórico”.

Desse modo, a metáfora é tomada como uma condensação, e a metonímia como um deslocamento. Lagazzi (2013, p. 106), ao trabalhar esses conceitos e atualizá-los dentro do campo da AD com a análise de imagens, entende que “[...] a metáfora nos faz pensar a alteridade e a metonímia afirma a falta constitutiva da cadeia significativa”.

A metáfora representa o recalque, aquilo que surge, que incomoda, uma irrupção na cadeia significante dos sentidos; a metonímia é o desejo da falta, latente e pulsante, o discurso do inconsciente se fazendo significante, no nosso caso com os desenhos e as fotografias. Lagazzi (2013) considera a cadeia significante a partir das quais a metáfora e a metonímia vão surgir. Sendo assim, a metáfora e metonímia estão sempre juntas, determinado uma à outra, “[...] definindo o jogo da linguagem como um jogo significante e estruturando o discurso do inconsciente” (Lagazzi, 2013, p. 107).

Levando essas noções para AD e para o trabalho com imagens, Lagazzi (2013, p. 105) propõe “[...] compreender o desdobramento da formulação visual em diferentes imagens na discursivização do social [...] na relação entre o Inter e o intradiscurso, o que significa propor a deslinearização da imagem, pensando o acontecimento da estrutura na sua composição visual”. A deslinearização da imagem é para Lagazzi (2013) um caminho analítico discursivo produtivo, revelando a contradição, conceito importante para a AD e para a compreensão de que toda materialidade discursiva é formada por diferenças. Estas não são dissipadas e estão presentes fazendo sentido através das redes significantes das materialidades. Com base no trabalho específico com os desenhos dos(as) alunos(as) migrantes venezuelanos no Brasil e nas atividades de fotografia e desenho com as crianças migrantes brasileiras nos EUA, identificamos dois funcionamentos discursivos que marcam a produção visual das crianças nesses dois contextos. Funcionamento discursivo 1: lugares de acolhimento e Funcionamento discursivo 2: a memória da Venezuela/Brasil e o desejo da volta, analisados a seguir.

## Lugares de Acolhimento

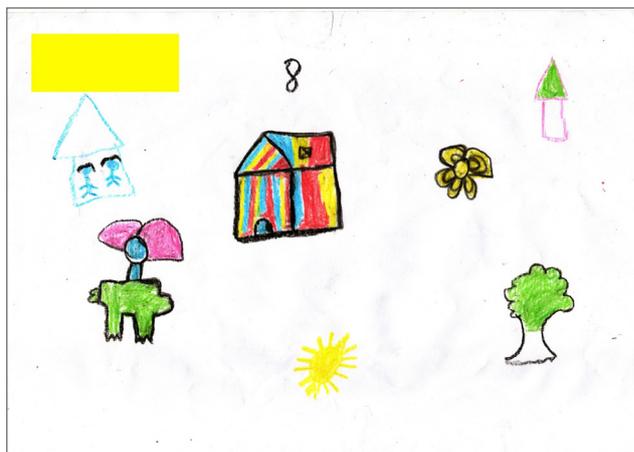
As crianças migrantes venezuelanas no Brasil criaram desenhos que destacam lugares, espaços concretos, físicos, mas que marcam simbolicamente os sentimentos de ter e pertencer. A casa, a igreja e a escola funcionam como locais afetivos, de segurança e acolhimento para essas crianças, são lugares de memória, como vimos com Payer (2009). Isso é possível inferir a partir da análise desses desenhos, bem como da escuta das crianças da forma como elas falam dos lugares. Os desenhos da casa metaforizam a posse e a segurança e o desejo metonímico de pertencer (ver Figuras 1 e 2). Como se a casa legitimasse o estar naquele lugar, ao poder sinalizar onde se encontra, isto é, onde se localiza geograficamente. Esse desejo nas crianças representa também o desejo dos pais de conquistar um lugar para viver e as crianças reproduzem como meta. Muitos venderam suas casas no auge da crise na Venezuela e sonham em ter esse lugar, o qual possa indicar posse, segurança e continuidade de vida.

**Figura 1.** Casa com árvore e um sol



Fonte: José (22/03/2022)

**Figura 2.** Vila de casas



Fonte: María (22/03/2022)

Os outros desenhos que acompanham a casa mostram a harmonia e segurança que o fato de ter uma casa proporciona. Nela, será possível brincar, vai ser possível colorir sua tela já colorida, vai ser possível viver com dignidade. A metáfora da casa realiza o desejo metonímico de se encontrar. São as metaforizações metonímicas de Lagazzi (2014, p. 112): “[...] a alteridade na deriva e no encadeamento para o outro em composições que delimitam o irrealizado em nossa sociedade. Penso significante em metáfora, no desejo metonímico da falta”.

As crianças migrantes brasileiras nos EUA também destacaram os espaços físicos de casas e igrejas em suas produções. Ao tomar posse da câmera digital, sem ter orientações específicas sobre o que fotografar, as crianças escolheram documentar: 1) momentos em família em casa ou na comunidade (como refeições em restaurantes, festas de aniversário, passeios no shopping); 2) espaços físicos e objetos em casa; e 3) espaços, atividades e pessoas na igreja. Semelhante às crianças venezuelanas no Brasil, as escolhas das crianças brasileiras nos Estados Unidos em suas fotografias também marcam simbolicamente os sentidos de ter e pertencer. A casa, especificamente, funciona como local afetivo, onde afinidades e relações de cuidado são (re)produzidas e encarnadas em gestos e objetos do cotidiano. Por exemplo, na segunda rodada de fotografias, Beatriz compartilhou 12 imagens tiradas nas semanas anteriores, sendo 11 de objetos fotografados em sua casa. Dentre esses objetos está uma boneca de pano com o seu nome gravado no peito (Figura 3). Segundo Beatriz, “Essa boneca aí eu ganhei da minha tia quando eu nasci [no Brasil], [está no] meu quarto” (gravação de áudio, 11/12/2021). Beatriz também registrou uma pulseira feita e dada por uma amiga da escola (Figura 4), um abajur em forma de gato dado pela mãe (Figura 5) e a sua cama com vários ursos de pelúcia (Figura 6). Apontando a Figura 6 como a sua favorita, Beatriz explicou: “minha cama porque ela tá arrumada e isso daí é um milagre de acontecer [...] minha mãe, minha mãe que troca os travesseiro, coberta, porque eu não sei trocar.” (gravação de áudio, 11/12/2021).

Os objetos fotografados por Beatriz representam simbolicamente laços e relacionamentos importantes para a criança, situados em um panorama transnacional: familiares no Brasil, a amiga e a mãe

**Figura 3.** Boneca de pano



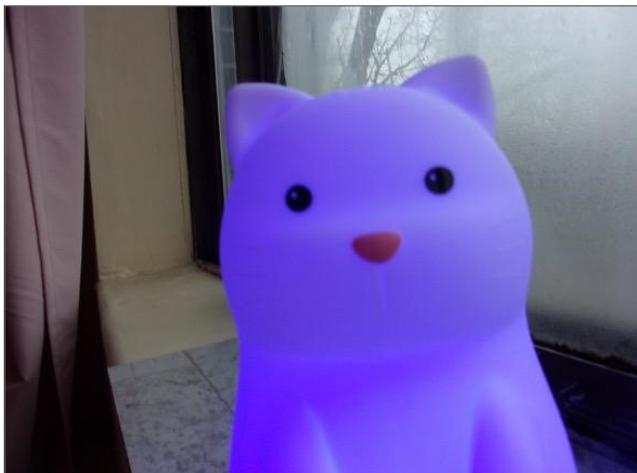
Fonte: Beatriz (11/12/2021)

**Figura 4.** Pulseira dada por uma amiga



Fonte: Beatriz (11/12/2021)

**Figura 5.** Abajur dado pela mãe



Fonte: Beatriz (11/12/2021)

**Figura 6.** Cama arrumada



Fonte: Beatriz (11/12/2021)

nos Estados Unidos. A escolha de fotografar presentes, ou dádivas (Mauss, 1990), dados por parentes e amigos nos dois lados da fronteira, metaforiza as relações afetivas na vida da criança e o desejo metonímico de pertencer, de ser parte integral em uma rede ou constelação social que abrange “aqui” e “lá” (Oliveira, 2020). A fotografia favorita de Beatriz documenta o espaço íntimo do seu quarto, destacando a sua cama arrumada (Figura 6). Essa fotografia representa discursivamente o conforto e segurança do lar da criança, mas também metaforiza o cuidado recebido da mãe que trocou as fronhas e arrumou as cobertas, conforme reconta a criança. Os pais de Beatriz, recém-chegados nos Estados Unidos e sem autorização para permanecer e trabalhar no país, cumpriam longas jornadas de trabalho clandestino como pedreiro e empregada doméstica, passando poucas horas com a criança durante a semana. Remeter a fotografias em sua materialidade significativa às condições de produção nos permite falar de um sujeito que se sente cuidado e amado, mesmo em situação de precariedade. Os objetos-presentes fotografados por Beatriz não são coisas inativas, mas preservam traços daqueles que a presentearam, permitindo a construção de laços, compromissos e solidariedades (Mauss, 1990).

Para as crianças venezuelanas no Brasil, a igreja e a escola funcionam como espaços de acolhida diferentes do espaço da casa, uma vez que eles(as) estão em contato direto com os outros (Figuras 7 e 8). A casa é a acolhida na comunidade, o mostrar para o outro que está ali, que faz parte dali. A igreja e a escola são a concretização desse contato com o outro. É a vivência da alteridade, o reconhecimento do outro, pelo outro. A igreja desenhada com o nome Igarassu (Figura 7) mostra um dos ambientes frequentados pelas crianças. Quando questionado sobre o porquê de desenhar a igreja, Carlos menciona que é um lugar que conta, que tem amigos(as), que brinca. A igreja e a escola representam metaforicamente o desejo metonímico de ser aceito, de viver em comunidade, de voltar a ter uma normalidade perdida. As cores vibrantes, alegres e os elementos da natureza contribuem para o sentido de retomada e normalidade. Esses elementos atravessam discursivamente a produção visual dos espaços, construindo a ideia do que é viver bem, a harmonia entre as pessoas e os espaços, atualizando a memória (Courtine, 2009) do pertencer lá, agora no novo lugar.

**Figura 7.** Igreja em Igarassu



Fonte: Carlos (22/03/2022)

**Figura 8.** Escola na Venezuela



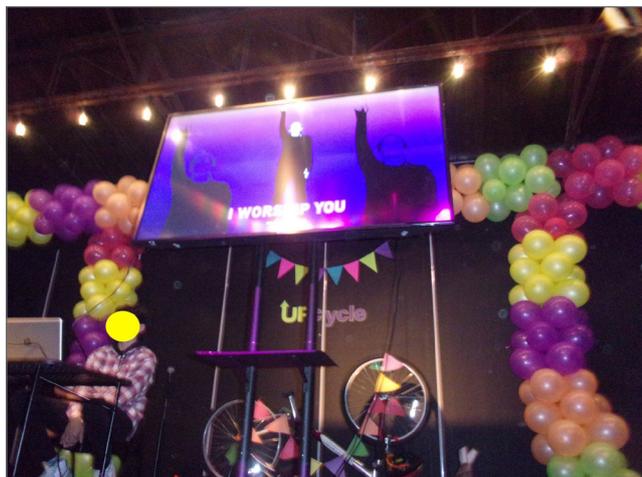
Fonte: Joaquina (22/03/2022)

A Figura 8 nos chama atenção, e a criança foi questionada sobre o que seria aquele espaço. Joaquina diz que é uma escola, e a pesquisadora pergunta se é na Venezuela ou no Brasil, já que tem uma bandeira da Venezuela. A criança então diz que é no Brasil, em sua escola de Igarassu, com crianças venezuelanas, porque, naquela época, havia muitos(as) alunos(as) venezuelanos(as). “Somos da Venezuela, tia”. Essa afirmação e o uso da bandeira venezuelana vão ao encontro do que mencionamos acima nos textos escritos, a reapropriação discursiva, a afirmação de sua identidade e memória da Venezuela que sempre atravessa os desenhos com suas cores ou mais diretamente com o uso da bandeira. Esta produção visual é um discurso de aviso, de lembrança, de que eles(as) são venezuelanos(as) e, apesar das tentativas de integração à nação brasileira, eles(as) não esquecem e não deixam fazer com que se esqueçam disso. A bandeira e as cores surgem como equívocos das formulações visuais, se deslocando em distintas imagens do processo de migração. Representam a tensão, a contradição dos discursos e dos quereres que atravessam o processo e indicam resistência a toda forma de integração que seja tão somente aculturação. Tal fato está de acordo com Mariani (2021), apontando que os relatos testemunhais possibilitam outra narrativa possível.

No caso das crianças migrantes brasileiras nos EUA, suas fotografias também marcam a igreja como espaço de acolhida e afinidade, concretizando o contato direto com o outro. Na primeira vez que Beatriz compartilhou as suas fotografias com a segunda autora, após duas semanas com a câmera digital, a criança mostrou 20 fotografias e dentre elas 10 foram tiradas na sua igreja. Beatriz documentou momentos em que assistiu ao culto evangélico com os seus pais, destacando ocasiões em que a congregação cantou e dançou hinos religiosos (Figuras 9 e 10). Ela também fotografou momentos de conversa e brincadeira com outras crianças após o culto, em um espaço dentro da igreja destinado para recreação dos jovens (Figura 11).

As fotografias de Beatriz sobrepõem a localização da igreja nos Estados Unidos, marcada pela presença da língua inglesa no projetor durante o culto (ver Figura 9) e a existência de uma forte comunidade imigrante brasileira. A igreja fotografada é um lugar em que Beatriz tem amigos(as), conversa,

**Figura 9.** Louvor



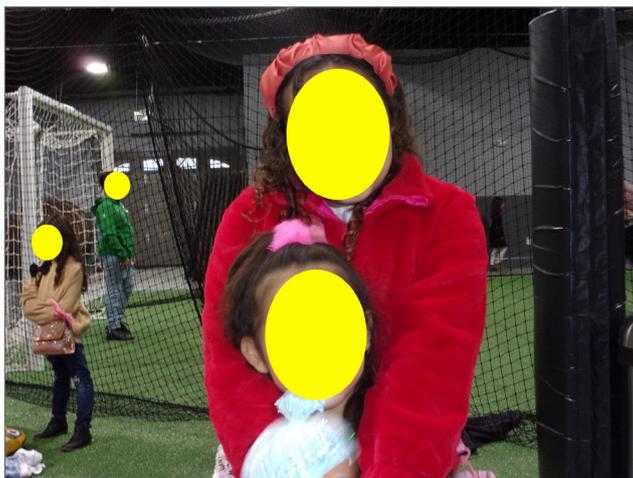
Fonte: Beatriz (24/11/2021)

**Figura 10.** Dança na igreja



Fonte: Beatriz (24/11/2021)

**Figura 11.** Amigas na igreja



Fonte: Beatriz (24/11/2021)

brinca, canta e dança. A igreja, então, representa metaforicamente o desejo metonímico de pertencer, de viver em comunidade. A música (Figura 9), a dança (Figura 10) e as duas amigas que se abraçam sorridentes (Figura 11) contribuem para o sentido de afeto, afinidade e pertencimento, mesmo em um espaço que posiciona a língua inglesa como norma em uma comunidade imigrante que fala português. É importante ressaltar que Beatriz produziu essas fotografias em um contexto sociopolítico em que prevalecem discursos e sentimentos neonacionalistas e a criminalização do migrante latino (Lima Becker e Oliveira, 2023; Cervantes et al., 2018; Chavez, 2013). Assim, os elementos enfocados por Beatriz em suas produções visuais contribuem para o sentido de normalidade (em comunidade) e introduzem um ponto de vista que resiste à visão dominante ou *discurso sobre* o imigrante latino como ameaça. Beatriz também afirma a sua identidade e vínculo mantido com o Brasil ao focar outros membros

da comunidade imigrante brasileira nos Estados Unidos em suas fotografias. Assim como as crianças venezuelanas, as crianças brasileiras utilizam a produção visual como um discurso de aviso, de transnacionalidade, de que elas não esqueceram e não deixam fazer com que se esqueçam dos seus laços com o Brasil, a memória (re)atualizada segundo Courtine (2009).

## Memórias da Venezuela/Brasil e o Desejo da Volta

No funcionamento discursivo 2, focando primeiramente nas produções visuais das crianças venezuelanas no Brasil, observamos mais diretamente as menções à Venezuela. Contrariando o discurso comum de que tudo na Venezuela é ruim e que eles não desejam voltar, eles desenham a Venezuela, falam de suas praias, da paisagem e das lembranças do seu país de origem, atualizando<sup>4</sup>, através dessa prática discursiva (Courtine, 2009), uma memória da Venezuela afetiva, isto é, conservando a memória positiva da origem de onde vieram.

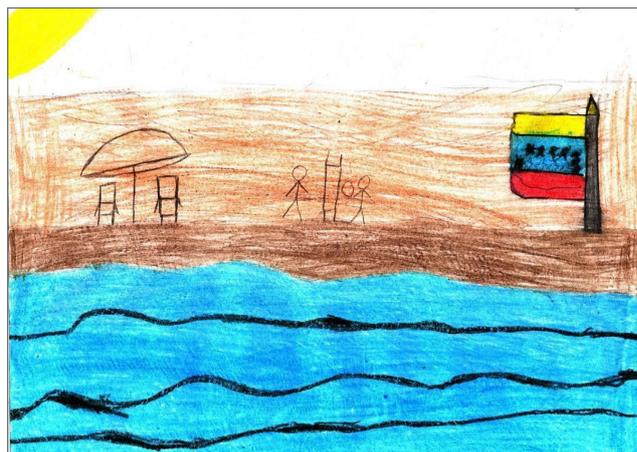
A praia é um desenho comum com o complemento da afirmação de que as praias de lá são mais bonitas que as do Brasil, que, na Venezuela, há lindas paisagens (Figuras 12 e 13). As pessoas jogando na praia e os carros passando na ponte metaforizam a normalidade do dia a dia do país, apesar de tantas notícias que dizem o contrário. Sim, o país está em crise, mas não como se estivesse em guerra com tudo destruído. A bandeira retoma aqui como o lembrete de afirmação de amor ao país, expresso também no desenho do coração em vermelho vívido (Figuras 14 e 15). Existem ainda a Venezuela, a praia, a paz e a certeza do seu lugar, que é lembrado pelas crianças com tanto carinho e com o desejo

Figura 12. Ciudad Bolivar



Fonte: João (22/03/2022)

Figura 13. Praia na Venezuela



Fonte: Francis (22/03/2022)

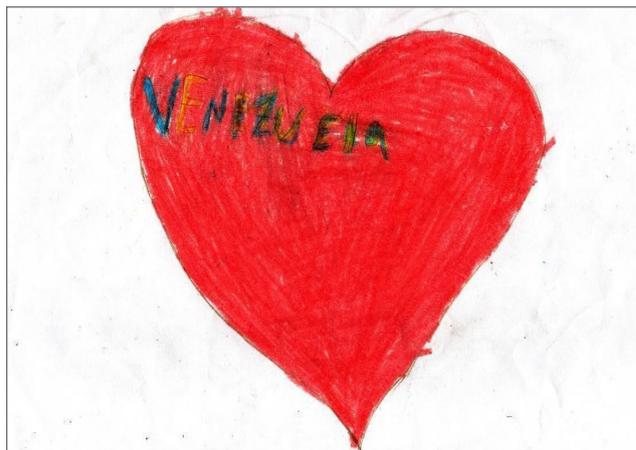
<sup>4</sup> Na Análise do Discurso Materialista, a ideia de atualização do discurso se refere ao processo pelo qual o discurso, enquanto prática social e histórica, é (re)significado em diferentes momentos e situações concretas de enunciação. Essa atualização está vinculada ao fato de que o discurso nunca é estático; ele é continuamente atravessado por forças históricas, ideológicas e sociais que o transformam. O discurso atualiza-se porque carrega fragmentos de discursos anteriores (a memória discursiva), mas ao mesmo tempo é modificado pelo contexto específico de sua produção.

**Figura 14.** Bandeira



Fonte: Lupita (22/03/2022)

**Figura 15.** Coração “Venezuela”



Fonte: Jorge (22/03/2022)

metonímico da volta pulsante nas cores vivas e nos desenhos de corações, da bandeira e de elementos da natureza, outra narrativa possível (Mariani, 2021) a partir da escuta dessas crianças, contrariando o senso comum pejorativo frente à Venezuela.

Um fenômeno semelhante ocorre nos desenhos das crianças migrantes brasileiras nos Estados Unidos quando a pesquisadora pede que representem o Brasil. Os desenhos de duas crianças (Beatriz e Valentina) retratam memórias de rotinas e práticas cotidianas que costumavam ocorrer quando Beatriz morava no Brasil e Valentina visitava o país antes da pandemia do Covid-19. Beatriz desenhou a si mesma com seus avós no quintal de sua antiga casa onde o grupo costumava lavar cadeiras de plástico no final da tarde e colocar sementes para os passarinhos comerem (Figura 16). Examinando a perspectiva do desenho, vemos também que Beatriz marcou a proximidade do quintal a um parquinho, localizado na praça na comunidade. Também do quintal pode-se ver um ônibus, que Beatriz aponta ser dirigido pelo seu tio que trabalha como motorista, passando pela rua. Valentina descreveu o seu desenho como uma representação das suas visitas à “roça” durante as férias da escola (Figura 17). Seu desenho documenta estradas de barro, áreas verdes, animais soltos pela propriedade, um amplo céu azul e, no centro, seus avós e sua casa. Portanto, Beatriz e Valentina também metaforizam a normalidade do dia a dia no Brasil, apesar de notícias que ressaltam a instabilidade política e econômica do país e a imaginação geográfica que posiciona os Estados Unidos, não o Brasil, como uma terra de promessas, segurança e abundância (Marcus, 2009). O desejo metonímico é encarnado nos detalhes dos desenhos, nas cores vivas e semblante feliz das pessoas representadas, no dia ensolarado e contato com a natureza. As representações de espaços amplos e abertos nos desenhos contrastam com a realidade atual dessas duas crianças migrantes nos Estados Unidos, que, no período da pesquisa, viviam em apartamentos pequenos em uma área de alta densidade urbana. Desse modo, esses desenhos atuam como lugar de memória (Payer, 2009), uma vez que se consolidam como um lugar de volta e preservação da origem dessas crianças.

**Figura 16.** Tarde com os avós



Fonte: Beatriz (23/10/2024)

**Figura 17.** Roça

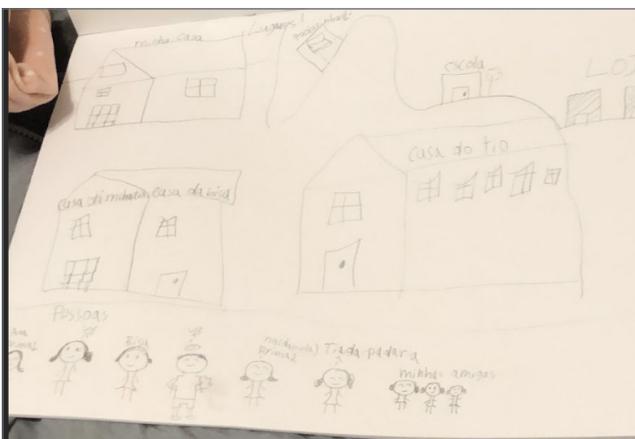


Fonte: Valentina (23/10/2024)

Os desenhos de Luluca e Lilian sobressaltam laços sociais importantes no imaginário das crianças ao representarem o Brasil através da proximidade física das casas de seus familiares e outras pessoas conhecidas na comunidade, incluindo amigas, tios/as, avós, bisavós, primos/as, e a “tia da padaria”. Os desenhos de várias casas, próximas umas das outras, metaforizam a posse e o desejo metonímico de conexão e afeto (Figuras 18 e 19). Mesmo sem Luluca ter retornado ao Brasil desde sua partida aos Estados Unidos, ou Lilian ir somente nas férias sem nunca ter morado lá, os desenhos constroem as crianças como parte visível e integral das suas famílias no Brasil e ressaltam o seu conhecimento das condições de habitações de seus familiares.

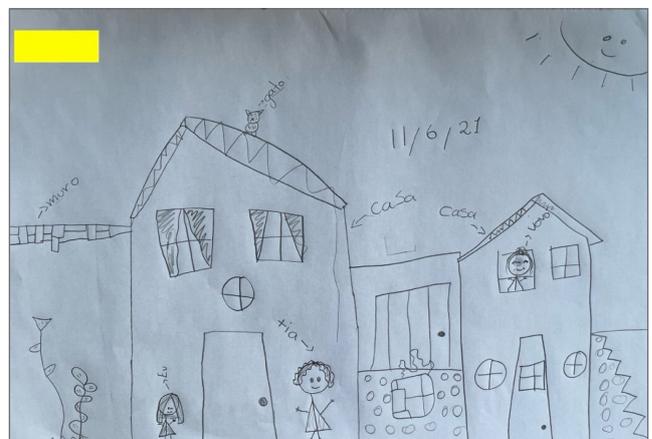
As crianças brasileiras expressaram ter vontade de visitar o Brasil muitas vezes. Entretanto, seus desenhos sobre o “futuro” transcendem a linearidade de uma única “volta” para casa. Em uma de suas

**Figura 18.** “Pessoas”



Fonte: Luluca (02/11/2021)

**Figura 19.** Minas Gerais



Fonte: Lilian (06/11/2021)

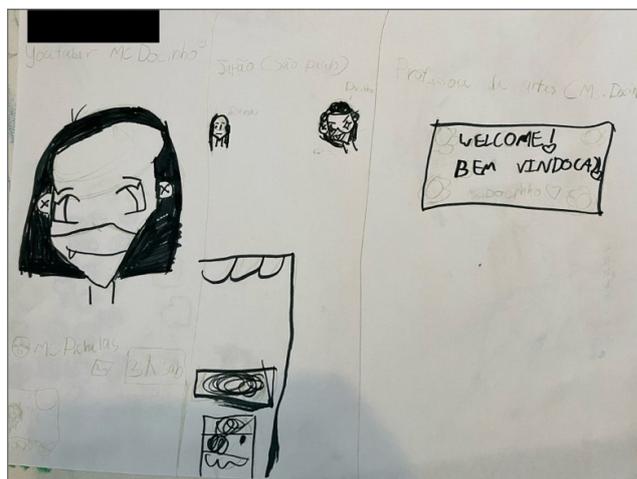
produções visuais durante a pesquisa nos EUA, Beatriz desenhou a si mesma “no presente”, dentro de um ônibus escolar amarelo, comum nos EUA para crianças e jovens que participam da rede pública de educação e parte da sua experiência diária. Entretanto, na mesma imagem, ao expressar o seu “futuro”, Beatriz desenhou as bandeiras do Brasil e da Nova Zelândia, locais onde tem familiares e entes queridos (Figura 20). Assim, Beatriz indica a sua vontade de “voltar” ao Brasil, mas também de “ir” a novos locais, manifestando e expandindo a sua identidade transnacional (Lima Becker et al., 2023). Luluca representou o seu presente como alguém que cria e compartilha conteúdo na plataforma do YouTube (uma “YouTuber”) e o seu futuro como uma professora de Artes que trabalha nos Estados Unidos (“Ms. Docinho”), mas que também transita pelo Japão e São Paulo, Brasil (Figura 21). Para as crianças migrantes brasileiras que, como Luluca e Beatriz, encaram restrições para viajar internacionalmente devido à falta de autorização legal para permanecer nos EUA, suas produções visuais metaforizam a porosidade das fronteiras e o desejo metonímico de liberdade.

**Figura 20.** Futuro de Beatriz



Fonte: Beatriz (22/04/2022)

**Figura 21.** Futuro de Luluca



Fonte: Luluca (18/04/2022)

## Considerações Finais

Ao analisar esse espaço de funcionamento do *discurso de*, pudemos observar como os desenhos e as fotografias, como lugares de memória, destacam a resistência desses sujeitos. As crianças venezuelanas no Brasil retomam a memória do seu país de origem, através de cores alegres, fortes e desenhos ensolarados, isto é, mostrando uma Venezuela diferente do que se criou no imaginário brasileiro. Então, ainda que, na sua chegada ao Brasil, os(as) venezuelanos(as) tenham escutado falas negativas sobre a Venezuela, eles(as) superaram esses discursos e mostram um país que amam, que tem várias coisas boas, como a educação, e que desejam voltar, afirmação comum nas vozes das crianças até os(as) adultos(as). Para as crianças migrantes brasileiras, suas fotografias destacam realidades e experiências cotidianas que escapam do imaginário dominante nos Estados Unidos sobre o imigrante latino como

ilegal e ameaça. Ainda que os(as) brasileiros(as) tenham escutado discursos que criminalizam a imigração e que os/as posicionam como criminosos, sem ter o direito de estar ali, eles(as) resistem a essas falas ao focar relações diárias de cuidado, o estabelecimento de uma comunidade migrante vibrante, a resiliência perante as muitas dificuldades. As crianças brasileiras, em suas produções visuais, também resistem a *discursos sobre* o imigrante que reforçam o senso de perda e ruptura com o país de origem, bem como a necessidade de assimilação. Suas fotografias e desenhos destacam a continuidade de uma identidade brasileira e de importantes laços familiares que abrangem aqueles “aqui” e “lá.”

Ao observarmos a deslinearização das imagens criadas pelas crianças, concluímos que elas expõem a tensão entre o desejo de inclusão e o medo de exclusão. O Primeiro bloco de desenhos, o funcionamento discursivo 1, é sobre lugares de acolhimento, onde a casa e a igreja funcionam como locais afetivos, de segurança e acolhimento para as crianças. A metáfora da casa ou de objetos comuns do cotidiano representa o desejo metonímico de se encontrar e de pertencer a um lugar. A igreja representa metaforicamente o desejo metonímico de ser aceito(a) e viver em comunidade. As cores vibrantes, alegres e os elementos da natureza criaram o sentido de normalidade. A produção visual dos espaços construiu a ideia do que é viver bem, a harmonia entre as pessoas e os espaços. Para as crianças venezuelanas no Brasil, a bandeira venezuelana presente nos desenhos mostra a afirmação de identidade e memória da Venezuela. Para as crianças brasileiras nos Estados Unidos, a ênfase em fotografar “presentes” dados por amigos(as) e familiares (no Brasil e nos EUA) destaca a sua identidade transnacional e o seu lugar integral em constelações sociais imbricadas em relações de afeto e cuidado.

O funcionamento discursivo 2 se refere às memórias das crianças e seu desejo de retornar ao seu país. As crianças e os(as) adolescentes se apegam à Venezuela, e seus desenhos mostram as praias e a bandeira, reforçando o amor pelo país de origem. Os desenhos são lugares de memória e resistência, mostrando uma Venezuela diferente do imaginário brasileiro. Para as crianças migrantes brasileiras nos EUA, seus desenhos destacam memórias de espaços físicos e atividades em família no Brasil, retomando a centralidade dos laços afetivos transnacionais na vida das crianças. Esses desenhos também são lugares de resistência, pois mostram um Brasil diferente do imaginário norte-americano.

Observando os achados discursivos que temos com o *discurso do* migrante, entendemos ser necessário pensar em práticas metodológicas para trabalhar com esse grupo que vise romper com a ideia relativa de acolhimento solidário. Ressaltamos, assim, a necessidade de práticas que viabilizem de fato um acolhimento que respeite a subjetividade do(a) migrante dentro e fora da escola. Neste contexto, as crianças devem ser apoiadas para se expressarem e deve ser criado um ambiente para isso. Brincar é a maneira mais fácil e eficaz de se comunicar com as crianças. Assim, várias atividades-métodos, como as apresentadas, devem ser utilizadas de forma a compreendê-las e apoiá-las na sua expressão.

## Referências

ALTHUSSER, L. 1985. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 220p.

CERVANTES, A. G.; ALVORD, D.; MENJÍVAR, C. 2018. ‘Bad Hombres’: the effects of criminali-

zing Latino immigrants through law and media in the rural Midwest. *Migration Letters*, **15**(2): 182-196. <http://dx.doi.org/10.33182/ml.v15i2.368>

CHAVEZ, L. 2013. *The Latino Threat: Constructing Immigrants, Citizens, and the Nation*. 2ª ed., California, Stanford University Press, 312 p.

COURTINE, J. 2009. *Análise do discurso político*. São Carlos: Ed. UFSCAR, 180p.

DUCROT, Oswald. 1987. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 222p.

DREBY, J. 2007. Children and power in Mexican transnational families. *Journal of Marriage and Family*, **69**(4): 1050-1064. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00430.x>

GALLO, S. 2021. Transborder pedagogies of the home in contexts of forced repatriation. *Ethnography and Education*, **16**(4): 491-506. <http://dx.doi.org/10.1080/17457823.2021.1961094>

GLOCKNER, V.; ÁLVAREZ, S. 2021. Espacios de vida cotidiana y el continuum movilidad/inmovilidad: El protagonismo de niños y adolescentes migrantes en el continente americano. Un proyecto etnográfico multimedia. *Anales de antropología*, **55**(1): 59-72. <http://dx.doi.org/10.22201/ii-a.24486221e.2021.1.72881>

LAGAZZI, S. 2020. A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão. In: J.P. FARIA; J.C. SANTANA; L. NOGUEIRA (org.). *Linguagem, arte e o político*. Campinas: Pontes, p. 91-102.

LAGAZZI, S. 2014. Metaforizações metonímicas do social. In: E. ORLANDI. (org.). *Linguagem, sociedade, políticas*. Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, p. 105-112.

LAGAZZI, S. 2013. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. *REDISCO*, Vitória da Conquista, v. 2., n. 1, p. 104-110.

LAGAZZI, S. 2021. A imagem em sua potência de captura simbólica. *FÓRUM LINGUÍSTICO*, Florianópolis, v. 18, n. Esp. 2021, p. 5890-5902. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e79657>

LAGAZZI, S. 2015. Linha de passe: a materialidade significativa em análise. *RUA*, Campinas, v. 16, n. 2, p. 173–182. <http://dx.doi.org/10.20396/rua.v16i2.8638825>

LAGAZZI, S. 2011. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. In: E.A. RODRIGUES; G.L. SANTOS, G. L.; L. C. BRANCO (orgs.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, RG Editores, p. 401-410.

LELLIS, L. 2021. *De olho nos EUA, população de brasileiros se multiplica no México*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/de-olho-nos-eua-populacao-de-brasileiros-se-multiplica-no-mexico/> Acesso em: 05/06/2024

LIMA BECKER, M.; OLIVEIRA, G. 2023. “This is a Very Sensitive Point”: Bilingual Teachers’ Interactions with Neo-Nationalism in a Two-Way Immersion Program in the United States. *TESOL Quarterly*, **57**(3): 890-915. <http://dx.doi.org/10.1002/tesq.3244>

LIMA BECKER, M.; OLIVEIRA, G.; ALEX, V. 2023. Brazil is my cousin, the US has parks: Children's construction of Brazil and the United States in a bilingual education program. *Global Studies of Childhood*, 13(1): 16-33. <https://doi.org/10.1177/20436106211000759>

MARCUS, A. P. 2009. Brazilian immigration to the United States and the geographical imagination. *Geographical Review*, 99(4): 481-498. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1931-0846.2009.tb00443.x>

MARIANI, B. 1996. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. *In: Gragoatá, Niterói*, n. 5, p. 87-95.

MARIANI, B. 2021. *Testemunhos de resistência e revolta. Um estudo em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 170p.

MAUSS, M. 1990. *The gift: the form and reason for exchange in archaic societies*. New York, Norton, 184 p. <http://dx.doi.org/10.4324/9781003572350>

ORELLANA, M. F.; THORNE, B.; CHEE, A.; LAM, W. S. E. 2001. Transnational childhoods: The participation of children in processes of family migration. *Social problems*, 48(4): 572-591. <http://dx.doi.org/10.1525/sp.2001.48.4.572>

ORLANDI, E. P. 2013. *Língua e Conhecimento Linguístico: para uma história das idéias no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez, p.110.

ORLANDI, E. P. 1992. *As Formas do Silêncio*. Campinas: UNICAMP Editora, 192p.

OLIVEIRA, G. 2020. Constelações transnacionais de cuidado e educação: Laços de crianças i/migrantes com famílias transfronteiras. *Educação & Realidade*, 45(2): 1-14. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623699891>

PAYER, M. O. 2009. O trabalho com a língua como lugar de memória. *Synergies Brésil*, nº 7, p. 37-46.

PAYER, M. O. 2016. A condição humana de imigrantes à deriva. corpos, línguas e diluição do sujeito. *In: E. GRIGOLETTO; F.E. NARDI. (orgs.). A Análise de Discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes, p. 343-358.

PÊCHEUX, M.; LÉON, J. 1982. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. *In: E. ORLANDI, (Org.). Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes, p. 163-173.

PÊCHEUX, M. 1990. Análise automática do discurso (AAD-69). *In: GADET; HAK (Orgs.). Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 215 p.

PETRI, V. 2009. A produção de sentidos “sobre” o gaúcho: um desafio social no discurso da história e da literatura. *Conexão Letras*. v. 4, n. 4, p.1-16. <http://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.55587>

PEW RESEARCH CENTER. 2008. U.S. Population Projections: 2005-2050. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2008/02/11/us-population-projections-2005-2050/>. Acesso em: 05/06/2024

SOUZA, T. C. 1998. Discurso e imagem: perspectivas de análise do não verbal. *In: 2º Colóquio de Analista del Discurso, Universidad del Plata, Instituto de Línguística da Universidad de Buenos Aires, La Plata - Buenos Aires. Ciberlegenda 1/Revista Eletrônica do Mestrado e comunicação, Imagem e Informação*, Niterói, RJ, p. 1-10. <http://dx.doi.org/10.22409/c-legenda.v0i01.26090>. Acesso em: 05/06/2024

*Submetido: 29/08/2004*

*Aceito: 20/12/2024*